

“Para uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão”

Oração pelo Sínodo: *Adsumus Sancte Spiritus*

Todas as sessões do Concílio Vaticano II começavam com a oração *Adsumus Sancte Spiritus*, as primeiras palavras do original latino, que significam: “Estamos diante de Vós, Espírito Santo”, que foi usada historicamente em Concílios, Sínodos e outras reuniões da Igreja ao longo de centenas de anos, e é atribuída a Santo Isidoro de Sevilha (ca. 560 – 4 de abril 636).

**Aqui estamos, diante de Vós, Espírito Santo:
estamos todos reunidos no vosso nome.
Vinde a nós, assisti-nos, descei aos nossos corações.
Ensinai-nos o que devemos fazer,
mostrai-nos o caminho a seguir, todos juntos.
Não permitais que a justiça seja lesada por nós pecadores,
que a ignorância nos desvie do caminho,
nem as simpatias humanas nos torne parciais,
para que sejamos um em Vós
e nunca nos separemos da verdade.
Nós Vo-lo pedimos a Vós que, sempre e em toda a parte,
agis em comunhão com o Pai e o Filho pelos séculos dos séculos. Amém!**

A Igreja de Deus é convocada em Sínodo. O caminho, intitulado “Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”, iniciará solenemente nos dias 9-10 de outubro de 2021, em Roma, e a 17 de outubro seguinte, em cada uma das Igrejas particulares. Uma etapa fundamental será a celebração da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, em outubro de 2023, a que se seguirá a fase de execução, que envolverá novamente as Igrejas particulares (cf. EC, art. 19-21). Com esta convocação, o Papa Francisco convida a Igreja inteira a interrogar-se sobre um tema decisivo para a sua vida e a sua missão: “O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”. Este itinerário constitui um dom e uma tarefa: caminhando lado a lado e refletindo em conjunto sobre o caminho percorrido, com o que for experimentando, a Igreja poderá aprender quais são os processos que a podem ajudar a viver a comunhão, a realizar a participação e a abrir-se à missão. Com efeito, o nosso “caminhar juntos” é o que mais implementa e manifesta a natureza da Igreja como Povo de Deus peregrino e missionário.

Uma interrogação fundamental impele-nos e orienta-nos: como se realiza hoje, em diferentes níveis (do local ao universal) aquele “caminhar juntos” que permite à Igreja anunciar o Evangelho, em conformidade com a missão que lhe foi confiada; e que passos o Espírito nos convida a dar para crescer como Igreja sinodal?

I. Apelo a caminhar juntos

O caminho sinodal desenvolve-se num contexto histórico, marcado por mudanças epocais na sociedade e por uma passagem crucial na vida da Igreja, que não é possível ignorar.

A sinodalidade representa o caminho capaz de renovar a Igreja pela ação do Espírito Santo, escutando juntos o que Deus tem a dizer ao seu povo. Contudo, este caminhar juntos não só nos une mais profundamente uns aos outros como Povo de Deus, como também nos envia a prosseguir a nossa missão como testemunha profética que abraça toda a família da humanidade, juntamente com as confissões cristãs nossas irmãs e outras tradições de fé.

II. Uma Igreja constitutivamente sinodal

Ao convocar este Sínodo, o Papa Francisco convida toda a Igreja a refletir sobre um tema que é decisivo para a sua vida e missão: “O caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus

espera da Igreja do terceiro milênio”. No seguimento da renovação da Igreja proposta pelo Concílio Vaticano II, este caminho em conjunto é simultaneamente um dom e uma tarefa.

“Sínodo” é uma palavra antiga e veneranda na Tradição da Igreja, cujo significado recorda os conteúdos mais profundos da Revelação. [...] Indica o caminho que os membros do Povo de Deus percorrem juntos. Remete, portanto, para o Senhor Jesus que se apresenta a si mesmo como “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6), e para o fato de os cristãos, seguindo Jesus, serem chamados nas origens “os discípulos do caminho” (cf. At 9,2; 19,9.23; 22,4; 24,14.22).

A sinodalidade designa, antes de mais, o *estilo* peculiar que qualifica a vida e a missão da Igreja, exprimindo a sua natureza como Povo de Deus que caminha em conjunto e se reúne em assembleia, convocado pelo Senhor Jesus na força do Espírito Santo para anunciar o Evangelho. Ela deve exprimir-se no modo ordinário de viver e de agir da Igreja.

Neste sentido, a sinodalidade permite que todo o Povo de Deus caminhe em conjunto, escutando o Espírito Santo e a Palavra de Deus, para participar na missão da Igreja na comunhão que Cristo estabelece entre nós. Em última análise, este caminho a percorrer juntos é a forma mais eficaz de manifestar e pôr em prática a natureza da Igreja como Povo peregrino e missionário de Deus (DP 1).

Pelo Batismo, todo o Povo de Deus tem em comum a mesma dignidade e a mesma vocação. Em virtude do nosso Batismo, todos somos chamados a ser participantes ativos na vida da Igreja. Nas paróquias, nas pequenas comunidades cristãs, nos movimentos leigos, nas comunidades religiosas e noutras formas de comunhão, mulheres e homens, jovens e idosos, somos todos convidados a escutar-nos uns aos outros para ouvirmos os murmúrios do Espírito Santo, que vem guiar os nossos esforços humanos, exalando sobre a Igreja um sopro de vida e de vitalidade e conduzindo-nos a uma comunhão mais profunda para a nossa missão no mundo. À medida que a Igreja embarca neste caminho sinodal, devemos esforçar-nos por nos basearmos em experiências de escuta e discernimento autênticos no caminho de nos tornarmos a Igreja que Deus nos chama a ser.

O Povo de Deus, que manifesta e realiza concretamente o ser comunhão no caminhar juntos, no reunir-se em assembleia e no participar ativamente de todos os seus membros na sua missão evangelizadora. Entrelaçam-se assim aqueles que o título do Sínodo propõe como eixos fundamentais de uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão.

No primeiro milênio, “caminhar juntos”, ou seja, praticar a sinodalidade, era a maneira habitual de proceder da Igreja, entendida como “Povo reunido pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. São João Crisóstomo pôde dizer: “Igreja e Sínodo são sinônimos”.

O Concílio Vaticano II ancorou-se neste dinamismo da Tradição. Ele põe em evidência que “aprouve a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente, excluía qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que o conhecesse na verdade e o servisse santamente” (LG, n. 9).

O Concílio ressaltou que, em virtude da unção do Espírito Santo recebida no Batismo, a totalidade dos Fiéis “não pode enganar-se na fé; e esta sua propriedade peculiar manifesta-se por meio do sentir sobrenatural da fé do Povo todo quando este, “desde os Bispos até ao último dos Fiéis leigos”, manifesta o consenso universal em matéria de fé e de moral” (LG, n. 12). Com efeito, este Povo, reunido pelos seus Pastores, adere ao depósito sagrado da Palavra de Deus confiado à Igreja, persevera constantemente no ensinamento dos Apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e na oração, “de tal modo que, na conservação, atuação e profissão da fé transmitida, haja uma especial concordância de espírito entre os Pastores e os Fiéis” (DV, n. 10).

Por isso, os Pastores, constituídos por Deus “como autênticos guardiões, intérpretes e testemunhas da fé de toda a Igreja”, não tenham medo de se colocar à escuta da Grei que lhes foi confiada: a consulta do Povo de Deus não exige a assunção, no seio da Igreja, dos dinamismos da democracia centrados no princípio de maioria, uma vez que na base da participação em qualquer processo sinodal está a paixão partilhada pela missão comum de evangelização, e não a representação de interesses em conflito. Por outras palavras, trata-se de um processo eclesial, que só pode realizar-se “no seio de uma comunidade hierarquicamente estruturada”. Cada processo sinodal, em que os Bispos são chamados a discernir aquilo que o Espírito diz à Igreja, não sozinhos, mas ouvindo o Povo de Deus, que “participa também da função profética de Cristo” (LG, n. 12), constitui uma forma evidente daquele “caminhar juntos” que faz crescer a Igreja. São Bento salienta que “muitas vezes o Senhor revela a melhor decisão” a quem

não ocupa posições relevantes na comunidade (neste caso, o mais jovem); assim, os Bispos tenham o cuidado de alcançar todos, a fim de que no desenrolar ordenado do caminho sinodal se realize aquilo que o apóstolo Paulo recomenda às comunidades: “Não extingais o Espírito. Não desprezeis as profecias. Examinai tudo: abraçai o que é bom” (1 Ts 5, 19-21).

O sentido do caminho ao qual todos somos chamados consiste, antes de mais nada, em descobrir o rosto e a forma de uma Igreja sinodal, em que “cada um tem algo a aprender. Povo fiel, Colégio episcopal, Bispo de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o “Espírito da verdade” (Jo 14, 17), para conhecer aquilo que Ele “diz às Igrejas” (Ap 2, 7)”. O Bispo de Roma, como princípio e fundamento de unidade da Igreja, pede que todos os Bispos e todas as Igrejas particulares, nas quais e a partir das quais existe a Igreja católica una e única (cf. LG, n. 23), entrem com confiança e coragem no caminho da sinodalidade. Neste “caminhar juntos”, peçamos ao Espírito que nos leve a descobrir como a comunhão, que compõe na unidade a variedade dos dons, dos carismas e dos ministérios, tem em vista a missão: uma Igreja sinodal é uma Igreja “em saída”, uma Igreja missionária, “com as portas abertas” (EG, n. 46). Isto inclui o chamado a aprofundar as relações com as outras Igrejas e comunidades cristãs, com as quais estamos unidos mediante o único Batismo. Além disso, a perspectiva de “caminhar juntos” é ainda mais ampla e abrange toda a humanidade, da qual compartilhamos “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias” (GS, n. 1). Uma Igreja sinodal é um sinal profético sobretudo para uma comunidade de nações incapaz de propor um projeto partilhado, através do qual perseguir o bem de todos: praticar a sinodalidade é, hoje para a Igreja, a maneira mais evidente de ser “sacramento universal da salvação” (LG, n. 48), “sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG, n. 1).

III. O tema deste Sínodo: *Por uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão*

O Papa afirmou: “é necessário que cada batizado se sinta envolvido na transformação eclesial e social de que tanto necessitamos. Esta transformação exige conversão pessoal e comunitária e leva-nos a olhar na mesma direção do olhar do Senhor”.

Palavras-Chave para o Processo Sinodal

O tema do Sínodo é “*Por uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão*”. As três dimensões do tema são **comunhão**, **participação** e **missão**. Estas três dimensões estão profundamente interrelacionadas. Elas são os pilares vitais de uma Igreja sinodal. Não há hierarquia entre elas. Pelo contrário, cada uma enriquece e orienta as outras duas. Há uma relação dinâmica entre as três que deve ser articulada tendo em conta as três em conjunto.

→ **Comunhão**: Pela sua graciosa vontade, Deus reúne-nos como povos diversos de uma só fé, através da aliança que oferece ao seu povo. A comunhão que partilhamos encontra as suas raízes mais profundas no amor e na unidade da Trindade. É Cristo que nos reconcilia com o Pai e nos une uns aos outros no Espírito Santo. Juntos, somos inspirados pela escuta da Palavra de Deus, através da Tradição viva da Igreja, e com base no *sensus fidei* que partilhamos. Todos temos um papel a desempenhar no discernimento e na vivência do chamamento que Deus faz ao seu povo.

→ **Participação**: Um chamado ao envolvimento de todos os que pertencem ao Povo de Deus – leigos, consagrados e ministros ordenados – para se empenharem no exercício de uma escuta profunda e respeitosa uns dos outros. Esta escuta cria espaço para ouvirmos juntos o Espírito Santo e guia as nossas aspirações para a Igreja do Terceiro Milênio. “A participação fundamenta-se no fato de que todos os fiéis estarem capacitados e serem chamados a colocar ao serviço uns dos outros os dons que cada um recebeu do Espírito Santo. [...] Na Igreja sinodal, toda a comunidade, na livre e rica diversidade dos seus membros, é convocada para *rezar, escutar, analisar, dialogar, discernir e aconselhar na hora de tomar as decisões pastorais* mais de acordo com a vontade de Deus”. É preciso esforçar-se genuinamente por assegurar a inclusão das pessoas marginalizadas ou que se sentem excluídas.

→ **Missão**: A Igreja existe para evangelizar. Nunca podemos estar centrados em nós mesmos. A nossa missão é testemunhar o amor de Deus no meio de toda a família humana. Este Processo Sinodal tem uma dimensão profundamente missionária. Destina-se a deixar que a Igreja testemunhe melhor o

Evangelho, especialmente com aqueles que vivem nas periferias espirituais, sociais, econômicas, políticas, geográficas e existenciais do nosso mundo

IV. A fim de contribuir para a consulta

A finalidade da primeira fase do caminho sinodal é favorecer um amplo processo de consulta, para recolher a riqueza das experiências de sinodalidade vivida, nas suas diferentes articulações e aspetos, envolvendo os Pastores e os Fiéis das Igrejas particulares em todos os diversificados níveis, através dos meios mais adequados, em conformidade com as realidades locais específicas: a consulta, coordenada pelo Bispo, destina-se “aos Presbíteros, Diáconos e Fiéis leigos das suas Igrejas, individualmente ou associados, sem transcurar a valiosa contribuição que pode vir dos Consagrados e das Consagradas” (EC, n. 7). De maneira particular, solicita-se a contribuição dos organismos de participação das Igrejas particulares, especialmente do Conselho presbiteral e dos Conselhos pastoral, a partir dos quais verdadeiramente “pode começar a tomar forma uma Igreja sinodal”. Será igualmente preciosa a contribuição das outras realidades eclesiais às quais o Documento Preparatório for enviado, assim como daqueles que quiserem enviar diretamente a própria contribuição. Finalmente, será de importância fundamental que encontre espaço também a voz dos pobres e dos excluídos, e não somente daqueles que desempenham alguma função ou responsabilidade no seio das Igrejas particulares.

A síntese que cada Igreja particular elaborar na conclusão deste trabalho de escuta e discernimento constituirá a sua contribuição para o percurso da Igreja universal. Para tornar mais fáceis e sustentáveis as fases sucessivas do caminho, é importante conseguir condensar os frutos da oração e da reflexão. Se for necessário, para as contextualizar e explicar melhor, poderão ser anexados outros textos como apoio ou integração. Recordamos que o objetivo do Sínodo, e por conseguinte desta consulta, não consiste em produzir documentos, mas em “fazer germinar sonhos, suscitar profecias e visões, fazer florescer a esperança, estimular confiança, enfaixar as feridas, estreitar relações, ressuscitar uma aurora de esperança, aprender uns dos outros e criar um imaginário positivo que ilumine as mentes, aqueça os corações, restitua força às mãos”.

V. A fase diocesana

Grande parte da riqueza desta fase de escuta virá de discussões entre paróquias, movimentos laicais, escolas e universidades, congregações religiosas, comunidades cristãs de bairro, ação social, movimentos ecumênicos e inter-religiosos e de outros grupos.

Os Bispos iniciam o processo.

As paróquias através do Conselho Pastoral Paroquial e as dioceses através do Conselho Pastoral Diocesano podem fazer uso destes organismos “sinodais” existentes para organizar, facilitar e dar vida ao Processo Sinodal a nível local, desde que se faça um esforço por chegar às periferias e às vozes que raramente são ouvidas, promovendo uma comunhão mais profunda, uma participação mais plena e uma missão mais frutuosa.

Nesta fase de escuta, incentivamos as pessoas a reunir-se, a responder em conjunto às perguntas/imagens/cenários de estímulo, a escutarem-se umas às outras e a dar um feedback individual e em grupo, propor ideias, exprimir reações e apresentar sugestões. ... É possível utilizar também materiais de oração, reflexões bíblicas e música sacra, bem como obras de arte, poesia, etc., para estimular a reflexão e o diálogo.

Assim, este Sínodo deseja também promover e desenvolver a prática e a experiência de *ser sinodal* durante o processo e depois dele, progredindo

VI. A sinodalidade em ação: roteiros para a consulta do Povo de Deus

A questão fundamental

A interrogação fundamental que orienta esta consulta do Povo de Deus, como já foi recordado no início, é a seguinte:

Anunciando o Evangelho, uma Igreja sinodal “caminha em conjunto”: como é que este “caminhar juntos” se realiza hoje em nossa Igreja particular? Que passos o Espírito nos convida a dar para crescermos no nosso “caminhar juntos”?

Para dar uma resposta:

1. Perguntar-nos que experiências da nossa Igreja particular a interrogação fundamental nos traz à mente?

2. Rer estas experiências mais profundamente: que alegrias proporcionaram? Que dificuldades e obstáculos encontraram? Que feridas fizeram emergir? Que intuições suscitaram?

3. Colher os frutos para compartilhar: Nestas experiências, onde ressoa a voz do Espírito? O que ela nos pede? Quais são os pontos a confirmar, as perspectivas de mudança, os passos a dar? Onde alcançamos um consenso? Que caminhos se abrem para a nossa Igreja particular?

Muitas vezes, é muito proveitoso para os participantes refletir sobre o caminho da sua comunidade local até esse momento. Qual é a história da vida de fé da comunidade? Como é que a comunidade caminhou até ao seu estado atual? Como é que Deus esteve presente?

Muitas vezes, o fato de repassar juntos o passado ajuda a construir a comunidade e a orientar o seu caminho para o futuro.

O objetivo não é responder a todas as perguntas, mas escolher as mais relevantes no contexto local de cada um. Podem também propor outras perguntas, e nós encorajamos mesmo a fazê-lo.

Dez núcleos temáticos a aprofundar

Para ajudar a fazer emergir as experiências e a contribuir de maneira mais rica para a consulta, em seguida indicamos também dez núcleos temáticos que abordam diferentes aspetos da “sinodalidade vivida”. As perguntas que acompanham cada uns dos dez temas seguintes podem ser utilizadas como ponto de partida ou orientação útil. A conversação e o diálogo não têm necessariamente de estar limitados às perguntas que se seguem:

1. Os Companheiros de Viagem

Na Igreja e na sociedade, estamos no mesmo caminho, lado a lado. Na sua Igreja local, quem são aqueles que “caminham juntos”? Quando dizemos “a nossa Igreja”, quem é que faz parte dela? Quem nos pede para caminhar juntos? Quem são os companheiros de viagem, inclusive fora do perímetro eclesial? Que pessoas ou grupos são, expressa ou efetivamente, deixados à margem?

2. Ouvir

A escuta é o primeiro passo, mas requer que a mente e o coração estejam abertos, sem preconceitos. Com quem está a nossa Igreja particular “em dívida de escuta”? Como são ouvidos os Leigos, de modo particular os jovens e as mulheres? Como integramos a contribuição de Consagradas e Consagrados? Que espaço ocupa a voz das minorias, dos descartados e dos excluídos? Conseguimos identificar preconceitos e estereótipos que impedem a nossa escuta? Como ouvimos o contexto social e cultural em que vivemos?

3. Tomar a Palavra

Todos estão convidados a falar com coragem e parresia, ou seja, integrando liberdade, verdade e caridade. Como promovemos, no seio da comunidade e dos seus organismos, um estilo comunicativo livre e autêntico, sem ambiguidades e oportunismos? E em relação à sociedade de que fazemos parte? Quando e como conseguimos dizer o que é de veras importante para nós? Como funciona a relação com o sistema dos meios de comunicação social (não só católicos)? Quem fala em nome da comunidade cristã e como é escolhido?

4. Celebrar

“Caminhar juntos” só é possível se nos basearmos na escuta comunitária da Palavra e na celebração da Eucaristia. De que forma a oração e a celebração litúrgica inspiram e orientam efetivamente o nosso “caminhar juntos”? Como inspiram as decisões mais importantes? Como promovemos a participação ativa de todos os Fiéis na liturgia e o exercício da função de santificar? Que espaço é reservado ao exercício dos ministérios do leitorado e do acolitado?

5. Corresponsáveis na Missão

A sinodalidade está ao serviço da missão da Igreja, na qual todos os seus membros são chamados a participar. Dado que somos todos discípulos missionários, de que maneira cada um dos Batizados é convocado para ser protagonista da missão? Como é que a comunidade apoia os seus membros comprometidos num serviço na sociedade (na responsabilidade social e política na investigação científica e no ensino, na promoção da justiça social, na salvaguarda dos direitos humanos e no cuidado da Casa comum, etc.)? Como os ajuda a viver estes compromissos, numa lógica de missão? Como se verifica o discernimento a respeito das escolhas relativas à missão e quem participa? Como foram integradas e adaptadas as diferentes tradições em matéria de estilo sinodal, que constituem a herança de muitas Igrejas, especialmente as orientais, em vista de um testemunho cristão eficaz? Como funciona a colaboração nos territórios onde estão presentes diferentes Igrejas *sui iuris*?

6. Dialogar na Igreja e na Sociedade

O diálogo é um caminho de perseverança, que inclui também silêncios e sofrimentos, mas é capaz de recolher a experiência das pessoas e dos povos. Quais são os lugares e as modalidades de diálogo no seio da nossa Igreja particular? Como são enfrentadas as divergências de visão, os conflitos, as dificuldades? Como promovemos a colaboração com as Dioceses vizinhas, com e entre as comunidades religiosas no território, com e entre associações e movimentos laicais, etc.? Que experiências de diálogo e de compromisso partilhado promovemos com crentes de outras religiões e com quem não crê? Como é que a Igreja dialoga e aprende com outras instâncias da sociedade: o mundo da política, da economia, da cultura, a sociedade civil, os pobres...?

7. Com as Outras Confissões Cristãs

O diálogo entre cristãos de diferentes confissões, unidos por um único Batismo, ocupa um lugar particular no caminho sinodal. Que relacionamentos mantemos com os irmãos e as irmãs das outras Confissões cristãs? A que âmbitos se referem? Que frutos colhemos deste “caminhar juntos”? Quais são as dificuldades?

8. Autoridade e Participação

Uma Igreja sinodal é uma Igreja participativa e corresponsável. Como se identificam os objetivos a perseguir, o caminho para os alcançar e os passos a dar? Como se exerce a autoridade no seio da nossa Igreja particular? Quais são as práticas de trabalho em grupo e de corresponsabilidade? Como se promovem os ministérios laicais e a assunção de responsabilidade por parte dos Fiéis? Como funcionam os organismos de sinodalidade a nível da Igreja particular? São uma experiência fecunda?

9. Discernir e Decidir

Num estilo sinodal, decide-se por discernimento, com base num consenso que dimana da obediência comum ao Espírito. Com que procedimentos e com que métodos discernimos em conjunto e tomamos decisões? Como podem eles ser melhorados? Como promovemos a participação na tomada de decisões, no seio de comunidades hierarquicamente estruturadas? Como articulamos a fase consultiva com a deliberativa, o processo de consulta com o momento de decisão? De que maneira e com que instrumentos promovemos a transparência e a prestação de contas?

10. Formar-se na Sinodalidade

A espiritualidade do caminhar juntos é chamada a tornar-se princípio educativo para a formação da pessoa humana e do cristão, das famílias e das comunidades. Como formamos as pessoas, de maneira particular aquelas que desempenham funções de responsabilidade no seio da comunidade cristã, a fim de as tornar mais capazes de caminhar juntas”, de se ouvir mutuamente e de dialogar? Que formação oferecemos para o discernimento e o exercício da autoridade? Que instrumentos nos ajudam a interpretar as dinâmicas da cultura em que estamos inseridos e o seu impacto no nosso estilo de Igreja?